

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ETYENE ALANA ROBERTO DA SILVA

**PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: construção das crianças e trabalho
pedagógico da professora de uma turma do 1º Ano do Ensino
Fundamental**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em pedagogia do centro de educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra: Giane bezerra
vieira

**Natal/RN
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: construção das crianças e trabalho
pedagógico da professora de uma turma do 1º Ano do Ensino
Fundamental**

Trabalho de conclusão de curso elaborado pelo (a) aluno (a) Etyene Alana Roberto da Silva, a coordenação do curso de pedagogia, em ___/___/2016, sendo auferida a nota (_____) conforme avaliação do (a) professor (a) e a banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dra. Giane Bezerra Vieira
Presidente

Prof^o. Dr. Francisco Claudio Soares Junior
1º examinador

Prof^a. Dra. Jacylene Melo de Oliveira Araújo.
2º examinador

Natal/RN
2016

PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: construção das crianças e trabalho pedagógico da professora de uma turma do 1º Ano do Ensino Fundamental.

Etyene Alana Roberto da Silva

Ety-a@hotmail.com

Orientadora: Profª Dra Giane Bezerra Vieira

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar os níveis e hipóteses de escrita de crianças, segundo a teoria de Emília Ferreiro sobre a Psicogênese da Língua Escrita e investigar como a professora dessas crianças explora pedagogicamente os seus níveis de escrita. Os sujeitos da pesquisa, tanto professora, quanto crianças vivenciam uma relação pedagógica numa escola pública municipal de Parnamirim/RN. O referencial teórico que fundamenta o estudo são as teses de Campelo (2012), Ferreiro (1995), Ferreiro; Teberosky (1985), Leal (2007), Soares (2011), Weisz (1988). Como procedimentos de coleta de dados, utilizamos um questionário e uma entrevista semi-estruturada realizados com a professora a fim de construirmos informações sobre seu perfil e sobre o seu trabalho com a Psicogênese da língua escrita. Além disso, realizamos uma sondagem diagnóstica com 5 crianças da turma para investigar os seus níveis e hipóteses de escrita. Dessa forma, pudemos perceber a relevância dos estudos sobre a Psicogênese e seus teóricos, durante a prática de um professor alfabetizador. Ao mesmo tempo, vivenciamos uma prática de pesquisa com crianças, a fim de compreender como as mesmas constroem seus conhecimentos sobre a escrita.

Palavras chave: Psicogênese da Língua Escrita, prática docente, construção da escrita.

1. Introdução

Nos dias atuais, muitas são as teorias de aprendizagem que buscam compreender e esclarecer sobre como a criança aprende. Dessa forma, percebemos que é quase impossível tratar sobre a alfabetização de crianças na atualidade, sem fazer referência aos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a teoria da psicogênese da língua escrita. Isso porque, essa teoria teve grande impacto e relevância na América Latina e no Brasil, causando uma completa mudança de conceito em relação à forma de aprendizagem da escrita pela criança.

De acordo com os princípios da psicogênese da Língua escrita, a aprendizagem se processa mediante a interação do aprendiz com a escrita mediada pela ação (mental) com a escrita – experimentações de escrever e ler. Através dessas interações e experimentações o aprendiz constrói idéias/hipóteses sobre a escrita e sua natureza e funcionamento – mesmo que diferentes do convencional (socialmente válido). Seu **conhecimento prévio** é importante nas novas aprendizagens. Desse modo, a evolução da escrita não é linear; mas permeada e movida por **conflitos cognitivos** – discrepâncias entre a ideia e os desafios do meio – que movem as aprendizagens. Nesse contexto, os **erros** são parte do processo individual de “construir” os conceitos necessários à compreensão do sistema. Ferreiro privilegia a ação e a reflexão. O foco é **pensar** em como se escreve e como se lê.

Fundada em princípios piagetianos, essa teoria foca no processo de construção da escrita como um sistema de representação da linguagem, concebendo a criança como protagonista do seu próprio aprendizado. O educador, por sua vez, precisará compreender todo esse processo de construção, para poder intervir de forma competente nas hipóteses elaboradas pela criança.

O professor, em seu papel de alfabetizador, tanto na Educação Infantil, quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, deverá diagnosticar o que seus alunos sabem sobre a escrita e como funciona esse sistema. E, para que o professor compreenda a escrita de seus alunos e suas hipóteses, é

necessário que tenha um conhecimento da construção das escritas, pois só assim poderá analisar cada uma e compreender as singularidades envolvidas nessas produções.

Ferreiro e Teberosky (1985) iniciaram seus estudos na Argentina em 1974, com a ideia de que a criança começa a construir hipóteses sobre a escrita antes de entrar na escola, e que com o decorrer do tempo, irá desenvolver ainda mais essas hipóteses, passando por alguns níveis de leitura e escrita. Essa teoria da psicogênese foi inicialmente escrita e publicada por elas, na obra *Psicogênese da Língua Escrita*, que chegou ao Brasil em meados dos anos de 1980. A partir dessa publicação aqui no país, as concepções em torno da alfabetização de crianças, mudaram muito, principalmente no que diz respeito às características da criança que aprende. Isso está claro, inclusive nos Parâmetros curriculares Nacionais, como podemos certificar através do trecho do PCN de Língua Portuguesa:

No início dos anos 80, começaram a circular, entre educadores, livros e artigos que davam conta de uma mudança na forma de compreender o processo de alfabetização; deslocavam a ênfase habitualmente posta em como se ensina e buscavam descrever — como se aprende —. Tiveram grande impacto os trabalhos que relatavam resultados de investigações, em especial a psicogênese da língua escrita. Esses trabalhos ajudaram a compreender aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. (BRASIL, 1997, p. 20).

Apesar das teses de Ferreiro terem tido grande repercussão no Brasil, pesquisas realizadas por Leal (2007); Soares (2011) apontam que muitos professores ainda têm dificuldade de compreensão da Psicogênese e, nesse sentido, não conseguem diagnosticar os níveis de conceptualização das crianças em relação à escrita, nem planejam suas práticas como base nesse movimento de construção.

A preocupação com essa questão surgiu quando cursamos as disciplinas Alfabetização e Letramento I e II no Curso de Pedagogia e realizamos estudos sobre a importância do professor compreender as

escritas infantis numa perspectiva psicogenética. Assim, este trabalho tem os seguintes **objetivos**:

1. **Analisar os níveis e hipóteses de escrita de crianças, segundo a teoria de Emília Ferreiro sobre a Psicogênese da Língua Escrita;**
2. **Investigar como a professora dessas crianças explora pedagogicamente os seus níveis de escrita.**

Com isso, foi realizado um estudo sobre tais conceitos, através de uma pesquisa exploratória, que nos ajudou a desenvolver uma aproximação inicial com o fenômeno estudado. Essa pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental I, localizada no **Município de Parnamirim/RN**, em uma **turma do 1º Ano do Ensino Fundamental I**. Esta turma tem trinta e seis alunos matriculados e cinco crianças responderam a uma sondagem com o objetivo de diagnosticar seus níveis e hipóteses sobre a língua escrita.

Os critérios para escolha **das crianças** participantes da pesquisa foram em primeiro lugar: a criança frequentar a escola pública; segundo: estar no primeiro ano do ensino fundamental (momento esse que é crucial para apropriação do sistema de escrita); e, terceiro: as crianças escolhidas estarem em diferentes níveis de escrita. Vale ressaltar que, para a escolha de cada criança, necessitamos de um conhecimento da turma e da mediação da professora que atua nesta nela, já que a mesma conhece os seus alunos e os níveis de escrita de cada um.

Os critérios de escolha **da professora** investigada foram: ter curso superior em Pedagogia; atuar em escola pública e aderir ao trabalho de pesquisa.

Além disso, como procedimento de construção dos dados, realizamos também um questionário e uma entrevista com a professora das crianças que investigamos, na escola campo de pesquisa, para investigar como ela explora pedagogicamente os níveis e as hipóteses de escrita dos seus alunos.

Compreendemos que o professor deve acompanhar os níveis e hipóteses de escrita das crianças e fazê-las avançar, principalmente no que diz respeito a uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, considerado como momento crucial de aprendizagem da base alfabética da escrita.

Dessa forma, este artigo está estruturado nas seguintes partes: além desta introdução que situa os objetivos e objeto de estudo, na segunda parte, fazemos uma breve discussão dos conceitos de Ferreiro e Teberosky sobre a Psicogênese. Na terceira parte, apresentamos a pesquisa feita - a apresentação da professora da sala e de seus alunos participantes da investigação, a sondagem aplicada, as análises das escritas (níveis e hipóteses) construídas pelas crianças e as posições da professora sobre o trabalho realizado com as crianças. Na quarta parte, desenvolvemos as considerações finais, retomando questões que foram anunciadas ao longo do texto.

2. PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: alguns fundamentos

Em seus estudos sobre a Psicogênese da Língua escrita, Ferreiro (1985) relata como a criança se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, revelando que a aquisição desses atos linguísticos segue um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético, ou seja, a criança constrói gradualmente diferentes níveis e hipóteses sobre o sistema de escrita, a partir de uma lógica que vai da não compreensão da relação entre fala e escrita, passando pelo entendimento da fonetização, até construir a representação alfabética da escrita. Nesse percurso, ela precisa, então, responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação.

As teses de Ferreiro dão um enfoque na criança como protagonista do seu próprio desenvolvimento. Assim como os de Piaget, seus estudos possuem um caráter construtivista. Nesse sentido, Ferreiro (1995) afirma que as crianças não são meros aprendizes, e sim sujeitos que sabem. São protagonistas do seu próprio conhecimento. No processo de desenvolvimento, a criança adquire novas formas de comportamento, adquirindo conhecimento. Assim, assimilam conhecimentos e logo após começam a testar suas próprias hipóteses, por necessidade de compreensão de informações. Segundo Ferreiro e Teberosky:

A teoria de Piaget não é uma teoria particular sobre um domínio particular; mas sim um marco teórico de referência, muito mais vasto, que nos permite compreender de uma maneira nova qualquer processo de aquisição de conhecimento. (1995, p.31)

A partir desse modo de pensar, as crianças acabam desenvolvendo sistemas de interpretação que são como os esquemas de assimilação, isso porque toda informação interpretada pela criança, faz com que ela crie sentido a tudo aquilo que está sendo interpretado.

No processo em questão, de assimilação alfabética e da produção escrita, a criança, em sua aprendizagem e desenvolvimento dessa linguagem, elabora sistemas. Sistemas esses que, para Piaget (1977), agem como esquemas de assimilação. Assim, através desses sistemas é que as informações serão interpretadas, fazendo com que a criança atribua sentido à escrita, durante um processo de desenvolvimento. Esses esquemas serão bases de conhecimentos para os próximos conhecimentos e aprendizagem que irão surgindo. Assim funciona, aproximadamente, os níveis de escrita, por etapas. Os conceitos nos quais a criança se apropria primeiramente, ficarão como base para os próximos conhecimentos que a criança irá construir, através das suas hipóteses. A partir de seus esquemas, interligando os processos e agrupando essas etapas de construção em seu desenvolvimento geral. Ou seja, a cada etapa/esquema, a criança irá conservar informações anteriores já assimiladas, para assim incorporar essas informações a outras que irão surgir posteriormente. Dessa forma, a criança irá manter parte de seus esquemas para que possam servir como base para outras informações que surgirem.

Ferreiro (1995) acredita no que as crianças são participantes ativos de seu próprio conhecimento e, por isso enfatiza a importância construção das hipóteses de escrita das crianças. Assim, acredita que o processo de alfabetização não se restringe a repetição de cadeias de letras e mais letras. A alfabetização é um processo de construção e de representação da linguagem. Os professores devem valorizar as construções espontâneas das crianças e trabalharem pedagogicamente a partir dessas construções.

Com isso, para Ferreiro (1995), a apropriação da escrita passa por três grandes períodos ou níveis: **primeiro** - da distinção entre o modo de representação icônica (imagens) ou não icônica (letras, números, sinais) e diferenciação intrafigural; **segundo** - construção de formas de diferenciação interfigural, variações qualitativas (variedade de grafias) e quantitativas (quantidade de grafias); nesses dois primeiros níveis predomina a hipótese pré-silábica; **terceiro** - o da fonetização da escrita, quando a criança compreende a relação entre fala e escrita. Esse nível abrange três hipóteses: silábica, silábico-alfabética e alfabética.

O primeiro nível do desenvolvimento da escrita ocorre quando a criança começa a diferenciar dois tipos de representações gráficas, que são o modo icônico e não icônico, que representam respectivamente o desenho e a escrita. Assim, as crianças reconhecem a distinção desses dois tipos de representação, pois podemos utilizar de desenho ou escrita para representar o mesmo objeto, porém essas representações não são iguais. As crianças então, compreendem que a forma de escrever não será como a representação do desenho do objeto, pois a escrita ocorre de forma linear e não se organiza da mesma forma como o desenho. Esse modo de pensar, será sempre levado em consideração, durante o desenvolvimento da escrita. Ou seja, esse esquema será utilizado, sendo sempre incorporado à novos conhecimentos.

A partir disso, as crianças pensarão, então sobre como escrever essas representações, de forma a considerar tamanho e quantidade de letras. Esses pensamentos surgem devido as organizações quantitativas ou qualitativas. Na organização quantitativa, as crianças compreendem que a palavra deve conter no mínimo uma quantidade x de letras para que essa seja realmente considerada uma palavra existente, assim, se tiver menos letras do que o esperado, a criança não considerará como palavra. Na organização qualitativa, as crianças irão reparar quais letras estão colocadas na palavra, para verificar se existem letras repetidas, iguais ou diferentes, e se assim, aquela grafia pode ser considerada uma palavra também. Pois, entendem-se que letras iguais e repetidas não são legíveis, ou seja, não formam uma palavra legível. Conclui-se que nesse nível, a criança é capaz de diferenciar as formas de escrita, porém não diferencia as formas de significados.

Ou seja, o primeiro nível está subdividido em dois grupos, assim, o primeiro grupo representa escritas em que são diferenciadas as formas icônicas e não-icônicas, onde a criança compreende que letra é diferente de outras representações gráficas, nesse caso existe uma compreensão entre a escrita e o desenho. O outro grupo desse primeiro período representa escritas onde as crianças compreendem que deve existir uma diferenciação de letras nas palavras (diferenciação intrafigural). Nesse grupo de escrita, a criança também constrói a hipótese de que para ser uma palavra, deve haver certa quantidade de caracteres, assim existindo uma exigência quantitativa.

No segundo nível, diferentemente do primeiro, as crianças começarão a diferenciar sua escrita de palavra para palavra. No primeiro nível, elas diferenciavam as letras em uma palavra, porém, não existia diferenciação de letras entre várias palavras escritas. Pois, anteriormente, o importante para ser legível seria apenas a quantidade de letras e a variação de letras numa mesma palavra. Assim, nesse segundo nível, as crianças diferenciarão as letras em cada escrita, para que sejam interpretadas de formas diferentes. Ainda assim, estão permanecendo com parte do esquema anterior, como base para essa nova descoberta de conhecimento.

Assim, entendemos que durante o segundo nível de desenvolvimento da escrita, encontramos as escritas diferenciadas interfiguralmente, ou seja, escritas diferentes para cada palavra. A criança começa a construir hipóteses de que cada palavra terá seus caracteres diferentes de outras, já que significam coisas diferentes.

No terceiro nível, as crianças começam a entrar no período de fonetização da escrita, no qual passarão a estabelecer relação grafema-fonema. Nesse nível, a criança começa a formular hipóteses sobre a formação de cada palavra e porque cada uma delas se organizam de formas diferentes. A primeira hipótese é a silábica, na qual a criança passa a representar uma letra para cada sílaba escrita, porém essas letras não significam que representam o som das sílabas, é apenas a representação da palavra. Então, a partir dessa hipótese, as crianças irão perceber que podem encontrar letras que coincidam com o som das palavras, letras que tenham ligação com o som que emitimos ao falar. Ou seja, o primeiro subnível representa escritas silábicas, nas quais as crianças irão utilizar uma letra para representar cada

grafema, assim a criança utiliza da hipótese de que cada parte de uma palavra possui conexão com o que é falado, silabicamente falando. Assim, as crianças podem fazer essa diferenciação através de uma escrita sem valor sonoro convencional, apenas utilizando uma letra para cada fonema, podendo ser qualquer letra.

Assim, a criança entrará na hipótese silábico-alfabética, na qual irá representar uma letra (ou mais de uma) para cada sílaba escrita, mas dessa vez a letra terá relação com o som (relação grafema-fonema). A criança poderá utilizar uma letra para cada fonema, não sendo de forma avulsa, de forma que realmente tenha o som semelhante, assim sendo com valor sonoro convencional.

Com essa hipótese concluída, a criança irá passar para a hipótese alfabética, na qual já compreende as particularidades próprias do alfabeto. E, no terceiro subnível estão situadas as escritas que melhor registram a linguagem oral em forma escrita. Assim, essa escrita pode ser ortográfica ou não. Então, irão escrever regularmente como está previsto no sistema alfabético, porém não terão, obrigatoriamente, propriedades sobre todas as regras ortográficas.

Vale salientar que esse terceiro nível não significa que é o último grau de alfabetização, significa que muitas hipóteses foram respondidas. Assim, “entendendo por este o momento em que [as crianças] começam a compreender que há uma relação bastante precisa, mas não muito clara para elas ainda, entre a pauta sonora da palavra e o que se escreve [...]” (FERREIRO, 1992, p.83). Segundo Ferreiro (1995), esse período tem subníveis, com diferentes hipóteses e escritas e estas levam os nomes das hipóteses: silábica; silábico-alfabética e alfabética. Já a hipótese pré-silábica se encontra nos outros períodos anteriormente citados.

Para entender a lógica desse processo de construção, recorreremos a Weisz (1988, p.73) quando ela afirma que:

A criança começa diferenciando o sistema de representação escrita do sistema de representação do desenho. Tenta várias abordagens globais (hipótese pré-silábica), numa busca consistente da lógica do sistema, até descobrir - o que implica uma mudança violenta de critérios - que a escrita não

representa o objeto a que se refere e sim o desenho sonoro do seu nome. Neste momento costuma aparecer uma hipótese conceitual que atribui a cada letra escrita uma sílaba oral. Esta hipótese (hipótese silábica) gera inúmeros conflitos cognitivos, tanto com as informações que recebe do mundo, como com as hipóteses de quantidade e variedade mínima de caracteres construída pela criança.

Ferreiro acrescenta essas informações, afirmando que:

Vão desestabilizando a hipótese silábica até que a criança tem coragem suficiente para se comprometer em seu novo processo de construção. O período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios em vias de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos. Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. E, a partir daí, descobre novos problemas: pelo lado quantitativo, se não basta uma letra por sílaba, também não pode estabelecer nenhuma regularidade duplicando a quantidade de letras por sílaba (já que há sílabas que se escrevem com uma, duas, três ou mais letras); pelo lado qualitativo, enfrentará os problemas ortográficos (a identidade de som não garante a identidade de letras, nem a identidade de letras a de som). (FERREIRO, 1985, p.13).

Para determinar ou não cada nível em que a criança se encontra, não devemos apenas nos atentar a escrita/grafia e tirar nossas conclusões sobre a mesma. “As intenções, os comentários e alterações introduzidos durante a própria escrita e a interpretação que o ‘autor’ (a criança) fornece para sua construção, quando terminada” (FERREIRO, 1995, p.25). Como bom profissional, o professor deve avaliar também a postura da criança e todo processo de construção dessa escrita.

3. Compreendendo a escrita de crianças e o trabalho pedagógico de uma professora do 1º Ano do Ensino Fundamental

No presente estudo, utilizamos a abordagem qualitativa da pesquisa, propiciando o aprofundamento das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, bem como o envolvimento na obtenção de dados descritivos para análise, obtidos em contato direto com os sujeitos participantes da pesquisa. No âmbito dessa abordagem, fizemos uma pesquisa exploratória, visando uma maior aproximação e familiaridade com o fenômeno estudado, com vistas a sua compreensão e aprofundamento.

Como procedimentos de construção dos dados foram realizados um questionário e uma entrevista com a **professora titular da turma**, a qual tem sua prática de alfabetização baseada na teoria de Emília Ferreiro. Assim, a participação dessa professora foi de suma importância para o trabalho, visto que a mesma possui conhecimentos sobre a Psicogênese da língua escrita, que foram construídos no curso de Pedagogia da UFRN.

Ainda em relação ao processo de construção dos dados foi aplicada uma coleta de escritas – **sondagem diagnóstica dos níveis de conceptualização das crianças** – para podermos analisar os níveis e hipóteses de escritas de algumas crianças da turma, a partir da teoria da psicogênese postulada por Ferreiro. Foram **cinco crianças** que participaram dessa coleta de escritas, cada uma em níveis diferenciados, para que tenhamos uma amostra significativa. Vale ressaltar que as crianças estão dentro dos critérios de escolha para essa pesquisa, citadas na introdução do presente trabalho. É importante informar que as crianças não apresentaram resistência para participar da coleta de escrita porque a sua professora já faz esse tipo de sondagem diagnóstica com elas. Portanto, não houve estranhamento com a nossa presença para realização da atividade. Ao contrário, elas se mostraram solícitas e abertas ao exercício.

O tipo de **Sondagem** proposta na nossa pesquisa tem subjacente a ideia de que o conhecimento do aluno é construído na interação com o objeto de conhecimento, num processo mediado pelo outro – o professor e os demais alunos – e pelo signo linguístico. Tendo como aporte teórico da sua prática – o paradigma psicogenético de construção do conhecimento –, o professor poderá planejar as suas intervenções, a partir do seu conhecimento do que sabem/pensam seus alunos sobre o objeto de conhecimento da alfabetização – a língua escrita. Todavia, sem um conhecimento, pelo menos básico, da

Psicogênese da Língua Escrita, não é possível descobrir o que sabem e o que não sabem os alunos.

Nesse sentido, com base em Campelo (2012) organizamos uma lista de quatro palavras com as seguintes características: a 1ª palavra deve ser polissílaba; a 2ª trissílaba; a 3ª dissílaba e a 4ª monossílaba, evitando-se, logo no início da atividade, possíveis conflitos das crianças com hipóteses anteriormente construídas e ainda vigentes. Além disso, pedimos que as crianças escrevessem uma frase com pelo menos uma palavra da lista. Entregamos uma folha de papel em branco às crianças, ditamos as palavras da lista e da frase e dissemos a elas que escrevessem do jeito que sabem. Depois, solicitamos que as crianças lessem cada palavra produzida, apontando para as letras e sílabas.

A lista e a frase foram as seguintes:

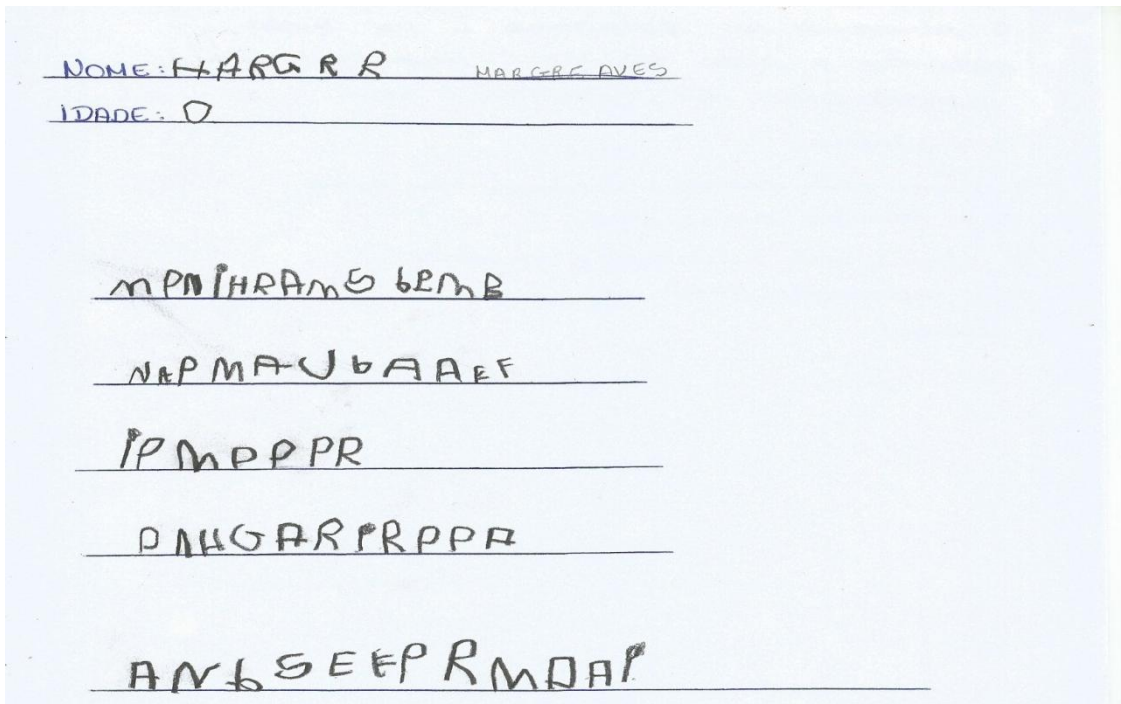
1. MACAXEIRA
2. PIPOCA
3. SOPA
4. CHÁ

A sopa é gostosa.

3.1 A construção da escrita das crianças

Após a aplicação da sondagem diagnóstica com as crianças, os resultados foram os seguintes:

Criança nº 1



Essa criança tem 6 anos. Segundo informações da professora, é uma criança indisciplinada e possui um histórico familiar um pouco complicado. Ele é agressivo com seus colegas e tem uma grande dificuldade de copiar atividades do quadro para o caderno, mesmo quando a professora dita as letras.

Assim, percebemos que devido a essa agitação, possui grande dificuldade para se concentrar e assimilar certos conteúdos. Em parte da aula, observamos como os alunos se comportavam e outra parte eu realizamos a coleta das escritas de algumas crianças. Com isso pudemos prestar atenção em como cada uma se comportava.

A referida criança apresentou dificuldade na escrita do seu próprio nome. Ele não sabe escrever seu nome completo sem o crachá. Essa dificuldade pode ser compreendida, como diz Ferreiro:

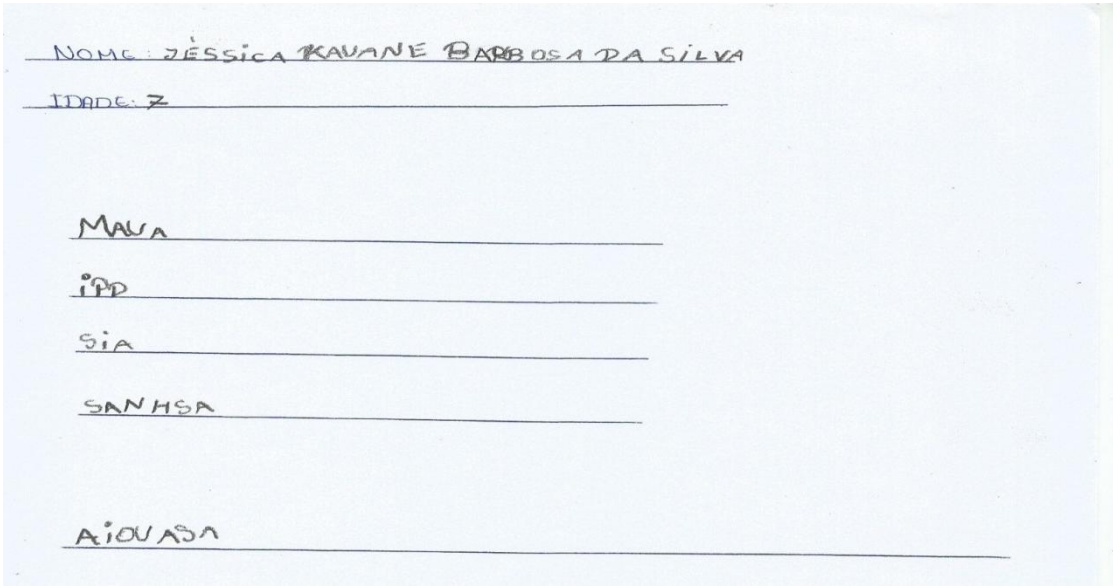
O acesso ao nível de fonetização é preparado por uma multidão de informações que o meio pode proporcionar às crianças. Uma das mais importantes informações escritas é o nome da própria criança. (FERREIRO, 1995, p.30)

Ele encontra-se no segundo nível de evolução da escrita – construção de diferenciações interfigurais e na hipótese pré-silábica. Essa criança ainda não consegue fazer relação da escrita com a língua falada. Ele faz construção de formas de diferenciações intrafigurais e interfigurais, assim escrevendo aleatoriamente as palavras, utilizando letras em diferentes posições e não faz relação nenhuma com o som.

Além disso, percebemos que a criança repetiu algumas letras com frequência em todas as palavras da sequência, como por exemplo: R, M, H I, P. Após a escrita, pedi para que ele fizesse a leitura das palavras, e a leitura foi feita rapidamente, passando o dedo indicador por toda palavra de uma vez só, falando sem pausas, demonstrando realmente não compreender ainda a questão silábica. Por fim, também verificamos que a criança ainda não reconhece o número que representa sua idade. Perguntei quantos anos ele tinha, e ele me respondeu certo, disse que tinha seis anos, mas ao escrever, comentou: “essa é fácil, o numero 6!” e escreveu o número zero.

Quando pedimos para a criança fazer a leitura das palavras e da frase ditada, verificamos que ela fez uma leitura global das mesmas, sem escandilas. Essa é uma confirmação importante de que a mesma ainda não compreende a relação entre fala e escrita.

Criança nº 2



NOME: JÉSSICA KAVANE BARBOSA DA SILVA
IDADE: 7

MAVA
IPP
SIA
SANHSA
AIOUSA

Essa segunda criança tem sete anos. É um pouco agitada em sala e conversa muito com seus colegas, mas é muito dedicada e se empenha bastante nas atividades. A professora relatou que ela possui um desenvolvimento em matemática impressionante, pois já realiza até multiplicações e não possui dificuldade alguma com os números e os conteúdos, compreendendo sempre tudo que é explicado. Chegou a ganhar uma medalha, em um “campeonato” de matemática que foi realizado na escola. Porém, ela tem algumas dificuldades na escrita, apesar de ter melhorado muito do início do ano até hoje, pois ela iniciou o ano com hipótese pré-silábica e não fazia relação nenhuma com som das letras. A professora ressaltou que o avanço dela é bem visível, apesar de não ter acompanhamento em casa, pois ela mora com sua avó, que é analfabeta e não consegue realizar as atividades de casa com a neta.

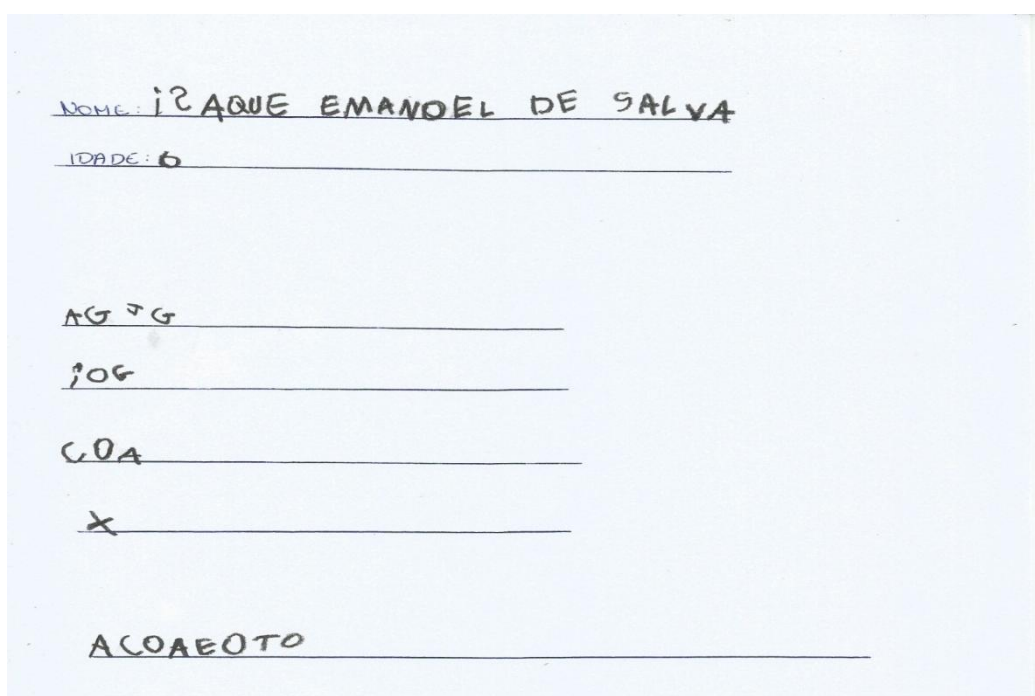
A referida criança reconhece as letras e escreve silabicamente, denominando uma letra para cada sílaba falada/escrita. Ao falar as palavras, ela as repetia várias vezes e antes de escrever cada letra, falava o som da sílaba. Assim, percebemos que ela está no nível da fonetização da escrita, escrevendo com hipótese silábica, mas ainda numa transição, pois ora escreve com valor sonoro e ora escreve sem valor sonoro convencional.

Percebemos em alguns momentos dessa escrita, assim como diz Ferreiro, “entendendo por este o momento em que começam a compreender que há uma relação bastante precisa, mas não muito clara para elas ainda, entre a pauta sonora da palavra e o que se escreve [...]” (FERREIRO, 1992, p.83).

Após a escrita, pedimos que a criança fizesse a leitura da escrita e ela leu passando o dedo indicador por cada letra e falando uma sílaba. Por exemplo: I – P – P : lê-se >Pi para o I, Po para o P e Ca para o outro P. Na escrita da palavra “chá”, a aluna escreveu primeiramente “sa” que nessa fase é natural que as crianças confundam x, ch, s ou c, mas ela disse que estava errado e completou com mais quatro letras, pois ainda acredita que uma palavra não pode ser escrita com apenas duas letras. Segundo Campelo (2012), “nesse momento, a criança manifesta sua compreensão acerca da relação som/grafia, representando cada sílaba da palavra com um grafema.”

Na escrita da frase, ela utilizou outra forma de escrever a palavra “sopa”, ou seja, ainda não interpreta a palavra com uma escrita própria e definitiva, existem variações dependendo do contexto e do momento em que escreve. Contudo, escreveu seu nome completo, sem auxílio do crachá e sabe qual o número que representa a sua idade, assim soube escrever o número sete.

Criança nº 3



Essa criança é tranquila é bem entrosada com seus colegas de sala, tem um bom relacionamento com as demais crianças, porém é muito tímida nos momentos de expor suas ideias. A professora relatou que durante as atividades coletivas, ele tem muita vergonha de participar e não consegue responder questionamentos pois fica nervoso e tímido, e com isso gagueja muito. Ele tem seis anos e mostrou ser esforçado e concentrado, realizou a atividade de coleta com muita tranquilidade e muito seguro do que estava fazendo.

Ele se encontra no nível de **fonetização da escrita**, apresentando **hipótese silábica**, ora com valor sonoro convencional e ora sem valor, é perceptível uma transição entre essas duas situações, que varia, quando a criança se concentra mais. De início, tivemos muita dúvida, mas refleti sobre a forma que ele escreveu e percebi que o aluno tem dificuldade em diferenciar

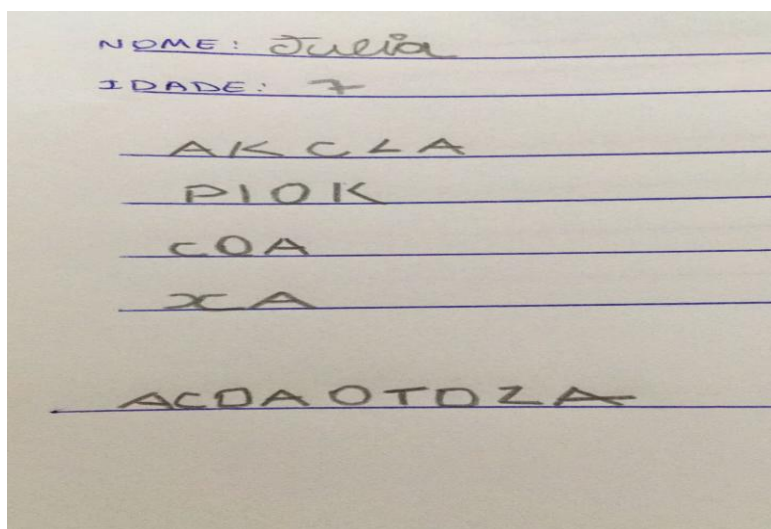
alguns sons como: G, J, X, C. as vezes até a dificuldade vem da ortografia e a forma de escrever a letra. Percebi que ele confundiu o C com a letra G. e que achou o som de X parecido com o do J. assim, ele escreveu a palavra “macaxeira” silabicamente assim: “AGJG”.

Com relação à hipótese da quantidade mínima de letras, ele percebe que a palavra não precisa ter três ou mais letras para ser uma palavra com sentido. Percebemos isso quando ele escreve a palavra “chá” apenas com uma letra x. e, ao escrever, o garoto pensa no som, na maioria das vezes, e fala a sílaba antes de escreve-la, demonstrando que pensa no valor sonoro e que compreende a forma de escrita.

Na frase, ele escreveu a palavra “sopa” da mesma forma que escreveu na sequência de palavras, pois pensou da mesma forma antes de escrevê-la. E colocou uma letra para cada sílaba, e predominantemente com valor sonoro convencional. Para a frase: “a sopa é gostosa”, o aluno escreveu: “ACOAEOOTO”. Separando uma letra para cada sílaba, ficaria: a – a, co – so, a – pa, e – é, gos – o, t – o, sa – o.

Concluindo, a criança escreve seu nome completo sem auxílio do crachá e reconhece também o número que representa a sua idade.

Criança nº 4



Essa criança tem sete anos de idade, costuma se comportar muito bem em sala de aula, mas possui grande dificuldade de atenção, assim, ela

consegue realizar todas as atividades de sala e também as de casa, porém sempre precisa de acompanhamento, para conseguir realizá-las. A professora relatou que ela só consegue se concentrar e copiar as atividades se estiver sentada perto do quadro e com mediação da professora, além disso, relatou também que a família da menina é muito presente e que a criança faz acompanhamento com um psicólogo.

Apesar desses problemas apontados, percebemos que ela está em franco processo de construção da base alfabética da escrita e encontra-se no **nível da fonetização de escrita**, com **hipótese silábico-alfabética**. Já representa as palavras com o som convencional, assim ela escreve uma letra ou mais para cada sílaba, tendo relação sonora. Ao escrever “macaxeira”, Julia escreveu: “ A K C L A “ sendo: ma> a; ca> K; xei> c; ra>la. Assim, ainda aparece em transição entre o nível silábico para o alfabético, mas já consegue identificar algumas sílabas alfabeticamente.

Da mesma forma as outras palavras, utilizando uma letra ou uma sílaba para cada sílaba falada. E para a frase “ a sopa é gostosa “, ela escreveu: “ACOAOTOZA” que, entende-se: a (a) coa (sopa) otoza (gostosa). Reparo que ela não escreveu “é” e acabou pulando essa parte da frase por não identificar o som de duas ou mais letras.

Criança n° 5

NOME: ANTHONY GABRIEL GRACIANO DUARTE
IDADE: 7

MACAXEIRA
PIPOCA
SOPA
XA

A SOPA É GOSTOSA

Essa criança tem sete anos e é aparentemente tímida e quieta, porém é extremamente atencioso e inteligente, consegue se concentrar facilmente e presta atenção em tudo que falamos. Não possui dificuldade em cumprir acordo e seguir as regras da sala, é um menino dedicado e muito envolvido com as atividades realizadas. A professora relatou que no início do ano, ele não era uma criança tão organizada, em relação as atividades, mas com o tempo veio melhorando muito. Além disso, a família da criança é muito presente na escola e realiza o acompanhamento necessário em casa, sempre realizando as atividades de casa com ele e se preocupando com a educação.

No momento da coleta de escrita, percebemos que ficou um pouco desconfiado e retraído no início, mas depois se soltou e realizou a sondagem tranquilamente. Ele escreve todo o seu nome sem auxílio do crachá e possui grande facilidade em escrever com a letra cursiva.

Ele conseguiu escrever rapidamente todas as palavras ditadas e sem duvidas, sempre falando a palavra silaba por silaba antes de escrevê-la, e soletrava também, antes de fazer o registro. Assim, percebemos que ele encontra-se no nível de **fonetização da escrita**, com **hipótese alfabética em um processo de organização da dimensão ortográfica**. Na palavra macaxeira, ele só não colocou a letra i, antes da silaba ra, isso porque ao falarmos a vogal passa despercebida, por ser uma semivogal, nesse encontro vocálico. As palavras Pipoca e Sopa, ele escreveu perfeitamente, já que são palavras com silabas simples e o som é nítido. Já, a palavra chá, por ter uma sílaba composta, houve uma dúvida e o aluno escreveu com x, o que é normal ser visto nessa fase em que a criança se encontra.

A frase “a sopa é gostosa” o aluno escreveu dessa forma, fazendo o uso do acento agudo, inclusive. Constatamos que ele está encaminhado para a hipótese alfabética ortográfica, apesar de não ter usado acento na palavra chá. Mas, percebeu todos os sons, de todas as palavras e soletrou cada uma antes de escrevê-las.

Em síntese, achamos pertinente ressaltar que o processo de construção das hipóteses infantis sobre a escrita é marcado por avanços, recuos, conflitos cognitivos, e é influenciado pelo trabalho pedagógico do professor, a partir das produções das crianças, uma vez que, *“conhecer a psicogênese da*

alfabetização não implica, [...], permanecer estático, à espera do aparecimento do próximo nível". (FERREIRO, 1995, p.34).

3.2 Perfil da professora e sua mediação na construção dos níveis e hipóteses de escrita das crianças

Solicitamos que a professora participante da pesquisa respondesse a um questionário, com o objetivo de dar suporte à construção de dados, para traçarmos o perfil pessoal e acadêmico da mesma. A partir das respostas dadas concluímos que a **professora Cícera** é graduada em Pedagogia pela UFRN, participou de cursos de formação continuada, oferecidos pelo MEC, tem 24 anos de idade e um ano e meio de docência, atuando no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Parnamirim, no turno vespertino. A professora atualmente está cursando pós-graduação na UFRN em leitura e produção de texto.

O questionário respondido foi de suma importância para que pudéssemos compreender a atuação da professora em sala de aula, e como ela trabalha a alfabetização de seus alunos. Após a coleta das escritas e observação de um período da aula, percebemos que a turma possui um nível bom e que a professora está cumprindo seu papel de alfabetizadora, seguindo todo aprendizado que adquiriu durante a sua formação no curso de Pedagogia.

Ao observarmos o trabalho da professora entrevistada, em sala de aula, pudemos perceber a sua preocupação com a aprendizagem dos alunos. A professora faz questão de que todos os alunos estejam atentos à sua aula e realizem uma aprendizagem de qualidade. Apesar das conversas paralelas, indisposição e ansiedade da turma em certos momentos, a professora consegue cumprir seu papel como alfabetizadora e assim seus alunos estão conseguindo avançar no seu processo de construção da escrita alfabética.

A confirmação disso é que foi difícil conseguirmos escritas em diferentes níveis para o estudo nesse presente trabalho. Realizamos a coleta com diversas crianças e apenas analisamos as 5 que se encontravam em níveis mais diferentes. A professora nos informou que, de forma geral, a turma está avançando da hipótese silábica com valor sonoro convencional para a hipótese alfabética.

Após a realização da entrevista com a professora, dividimos as suas respostas em eixos de análise: 1 - **o que é a psicogênese da língua escrita**, 2 - **como faz o diagnóstico dos níveis e hipóteses de escrita**, 3 – **como explora pedagogicamente os níveis e hipóteses de escrita dos alunos – situação em que isso acontece.**

No que diz respeito ao primeiro eixo, **o que é a Psicogênese da Língua escrita**, a professora investigada respondeu o seguinte:

Professora Cícera: A psicogênese da língua escrita, para mim, é uma das postulações que mais contribuíram para o processo de alfabetização das crianças. O professor, quando se utiliza da psicogênese, passa a considerar a criança como alguém que já sabe. Pode-se, dessa forma, conhecer o processo de aprendizagem de cada criança de uma maneira mais individualizada e significativa.

É nítido que a professora participante dessa pesquisa usa em sua prática todos os ensinamentos que obteve sobre a psicogênese da língua escrita, em sua formação, sendo assim, possui propriedade para falar sobre tal assunto e como utiliza em seu dia a dia. A professora reconhece a importância das postulações de Ferreiro para o entendimento da criança como um sujeito que sabe, isto é, que constrói ativamente seus conhecimentos sobre a escrita. Afirma também que a psicogênese permite conhecer os progressos de aprendizagem da criança de forma individualizada. A esse respeito Ferreiro afirma que:

O conhecimento da evolução psicológica do sistema de escrita por parte dos professores, psicólogos e avaliadores é imensurável para avaliar os progressos das crianças, e mais importante ainda, para “ver” sinais da alfabetização ainda não observados. (FERREIRO, 1995, p.32.)

No que diz respeito ao segundo eixo - **diagnóstico dos níveis e hipóteses de escrita dos alunos**, a professora nos informou o seguinte:

Sim. Uso uma ficha de acompanhamento individual a cada semestre para diagnosticar os níveis e hipóteses de escrita. Faço isso de forma individual. Assim, consigo visualizar o desenvolvimento de cada aluno.

O acompanhamento individual com cada aluno, mostra como a professora se preocupa com o desenvolver da sua turma, conhecendo as especificidades de cada um de seus alunos. Pudemos ter acesso a essas fichas e visualizamos que a professora faz um diagnóstico alinhado com os princípios da psicogênese. Com isso, ela pode verificar o que os seus alunos já sabem, o que não sabem ainda e o que pode ser feito para eles avançarem e aprenderem ainda mais em relação à escrita.

Após a coleta de escrita que fizemos com alunos dessa turma, percebemos que alguns deles já tinham avançado, comparando com o diagnóstico inicial feito pela professora **Cícera**. Isso mostra como as crianças se desenvolvem rapidamente quando o professor realiza mediações pedagógicas sistemáticas para possibilitar a suas aprendizagens.

No que tange ao terceiro e último eixo - **como explora pedagogicamente os níveis e hipóteses de escrita dos alunos – situação em que isso acontece**, a professora afirmou que:

Sim. Pois não adiantaria utilizar-se da teoria da psicogênese como somente forma de saber como seus alunos estão construindo seu aprendizado. Emília ferreiro nos proporciona a oportunidade de elaborarmos aulas e atividades a partir do que sabemos sobre como as crianças estão aprendendo. Assim, uso o diagnóstico de escrita para saber o que aquela criança já sabe e o que, conseqüentemente, devo fazer para que ela descubra novos conhecimentos, que a façam refletir sobre como a escrita é construída. Por exemplo: para uma criança que apresenta hipótese de escrita pré-silábica, trabalho com o objetivo de que ela reflita sobre o som que as palavras têm. Ela já compreende que a escrita serve para representarmos

palavras, então trabalho para que ela compreenda que ao escrevermos necessitamos refletir sobre o som das palavras (utilizando-se da pauta sonora-sílabas), como também sobre o som das letras, pretendendo que ela compreenda que as letras não servem para representar o som das palavras de qualquer forma.

Como já afirmamos anteriormente, professora utiliza dos estudos de Ferreiro em sua prática, compreendendo que esse conhecimento é fundamental para alcançar seus objetivos de aprendizagem junto aos seus alunos, para assim, alcançarem a compreensão da base alfabética da escrita. Segundo Ferreiro:

A alfabetização não é uma questão de sondar as letras, repetindo-se mais e mais as mesmas cadeias de letras numa página, ou aplicando testes de leitura para assegurar-se de que a alfabetização comece com todas as garantias de sucesso. Com esse entendimento, os professores começam a pensar de outra maneira e respondem de maneira diferente às respostas das crianças, às questões das crianças, às interações das crianças e às produções das crianças. Os professores passam a descobrir que as crianças são tão inteligentes, ativas e criativas no campo da escrita/leitura quanto na matemática. (FERREIRO, 1995, p. 33).

O professor, como alfabetizador, tem papel fundamental nesse momento de desenvolvimento do aluno. É imprescindível valorizar o conhecimento do aluno, independentemente do nível de escrita que ele se encontra, compreendendo o saber da criança naquele momento e motivando-a a aprender ainda mais, através de atividades dirigidas e produções voltadas à necessidade naquele período de evolução da escrita.

4. Em busca de conclusões

A pesquisa realizada nos permitiu compreender que a teoria de Ferreiro e colaboradores compreende a escrita como uma construção original e

inteligente, como um sistema de representação construído pela criança que se alfabetiza. Desse modo, essa aprendizagem se inicia antes mesmo de entrar na escola, e seus efeitos se reorganizam após a ação pedagógica, período durante o qual, para conhecer a natureza da escrita, deve participar de atividades de produção e interpretação escritas, tendo o professor o papel de mediador entre a criança e a escrita, criando atividades sistemáticas que propiciem o contato do aprendiz com esse objeto social, para que possa pensar e agir sobre ele. Nesse caso, a mediação do professor alfabetizador é fundamental para que a criança se aproprie das convenções do código escrito.

A realização da coleta de escrita com as crianças nos permitiu enxergar que os alunos participantes dessa pesquisa, apesar de estarem, no momento, em diferentes níveis de escrita, estão avançando com o passar do tempo e essa aprendizagem é visível, isso porque são motivados a pensar e a criar suas hipóteses sobre as suas construções. Percebemos que as crianças que se interessam um pouco mais, tendem a ter um resultado mais avançado, no que diz respeito aos níveis de escrita.

Com isso, pudemos perceber também, que o processo de alfabetização na turma, mais especificamente com os alunos participantes, flui muito bem, já que os alunos estão sempre incentivados a avançarem, sendo sujeitos pensantes e protagonistas daquele conhecimento, com mediação da professora nos momentos cruciais de suas aprendizagens.

Os estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita nos mostram como a criança é capaz de aprender e construir seu conhecimento, suas hipóteses, através de suas tentativas e ideias próprias. Com isso, notamos que é um processo de evolução, e nós, como professores, precisamos perceber que as crianças não são apenas receptoras de informações e conhecimentos, mas são inteligentes, criativas e pensantes, e assim deixar esses pensamentos fluírem, mediando quando for necessário, mas não interrompendo as criações e produções naturais dos alunos. Dessa forma, como está presente em um trecho do PCN de Língua Portuguesa:

A alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também da que forma ela

representa graficamente a linguagem. (BRASIL, 1997, p. 20).

Após a entrevista realizada, concluímos que a professora de sala é, realmente, qualificada para exercer a sua função de alfabetizadora, tendo em vista que ela compreende os princípios da Psicogênese e trabalha pedagogicamente esses princípios. Assim, de acordo com Ferreiro (1995) é muito importante o professor compreender a importância de estudar as produções realizadas pelas crianças, para perceber, dessa forma, onde o aluno está precisando de apoio para evoluir e o que já evoluiu na perspectiva da psicogênese.

Um passo muito importante para compreender todo o processo de alfabetização da criança, é levar em consideração todos os momentos nos quais ela está aprendendo. Devemos considerar que se trata de uma totalidade de ações, pensamentos e reflexões e não apenas o produto final analisado.

A contribuição desses estudos é muito importante para a ressignificação da criança que aprende e do papel do professor nesse processo de organização pedagógica da aprendizagem da escrita pela criança.

5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1997.

CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA PELAS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: a Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. UFRN; CONTINUUM – Programa de Formação continuada do professor para a educação básica. Curso de Aperfeiçoamento Infância e ensino fundamental de nove anos. **Módulo III - Linguagem, Alfabetização e Letramento**. Natal: UFRN/CONTINUUM, 2012. (no prelo).

FERREIRO, Emília. Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). **Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita**: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.22-35.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 89-110

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica**. Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago., p. 15- 21, 2011.

WEISZ, Telma. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal resolvido. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. **Ciclo Básico**. São Paulo: SE/CENP, 1988.

